

Errâncias: cartografias em trajetos de-formativos

Errances: cartographies en trajets dé-formatifs

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2018v36n72p85-98>

KÁTIA MARIA KASPER¹

GABRIELA DE SOUSA TÓFFOLI²

RESUMO: Convocamos fragmentos de andanças de duas professoras, duas proposições de escrita em trajetos diversos que se compõem, lendo a formação como devir, abertura para novos encontros. Uma delas coloca-se um pouco à deriva, com Jack Kerouac, Suely Rolnik, *clowns* e mais. Outra passeia com Félix Guattari, Fernanda Eugénio e João Fiadeiro, por cidades, catando. Ambas se encontram com Agnès Varda. Territórios que se desfazem enquanto novas composições se delineiam, num processo sem fim de leituras e aberturas de mundos.

PALAVRAS-CHAVE: Micropolítica; diferença; formação.

RESUMÉ: Nous convoquons des fragments de cheminements de deux enseignantes, deux propositions d'écriture suivant des trajets différents qui se composent et lisent la formation comme devenir, ouverture à de nouvelles rencontres. L'une d'elles se met un peu à la dérive, avec Jack Kérouac, Suely Rolnik, les clowns et d'autres. L'autre se promène avec Félix Guattari, Fernanda Eugénio et João Fiadeiro à travers les villes et glane. Toutes deux rencontrent Agnès Varda. Territoires qui se défont alors que de nouvelles compositions se dessinent, en un processus sans fin de lectures et d'ouvertures de mondes.

MOTS-CLÉS: Micropolitique; différence; formation.

1. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

2. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

CARTOGRAFIAS: PERAMBULAR, CATAR, DE-FORMAR

E foi exatamente assim que toda minha experiência na estrada de fato começou, e as coisas que estavam por vir são fantásticas demais para não serem contadas.

Jack Kerouac

Andanças de duas professoras, uma universitária e uma da educação básica. Escrita em trajetos diversos que se compõem, lendo a formação como devir, abertura para novos encontros. Territórios que se desfazem enquanto novas composições se delineiam num processo sem fim de leituras e aberturas de mundos. Cartografias.

Perambular por aí, entre cidades, estradas, praias. Rio. Entre escritas. Um pouco à deriva, em devires de-formativos. Deixar-se levar pelo que não está previsto, planejado, predeterminado.

Fragmentos autobiográficos, no sentido da singularidade do modo como nossos corpos são atravessados pelas forças de certo contexto histórico (ROLNIK, 2007, p. 22).

Perguntando por políticas de subjetivação que se inventam nesses processos. Aprendizados.

Formação como um devir plural, que se dá no encontro entre corpos. Nas marcas dos encontros com lugares e intercessores diversos. Territórios existenciais móveis. Linhas vitais e linhas de escrita compõem-se em experiências singularizantes.

ERRÂNCIAS

Chegou então a primavera, época ideal para cair na estrada, e todos neste bando disperso começaram a se preparar para algum tipo de viagem.

Jack Kerouac

Errar ganha outras potências. “Errando o caminho se desencaminha, chegando ao não esperado, ao não conhecido... Nada como desencaminhar-se, perder-se... E, aos poucos, poder abandonar a (suposta) necessidade de controle do percurso e sua predeterminação...” (KASPER, 2016, p. 296). Cartografia de formações docentes.

Para a cartógrafa, teoria é cartografia, que se faz juntamente com as paisagens cuja formação ela acompanha. Para cartografar, absorve-se tudo “o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão

e cunhar sentido, para ele é bem-vindo. *Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.*” (ROLNIK, 2007, p. 65, itálico das autoras).

O critério de escolha dos alimentos para compor as cartografias: dar passagem às intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os outros corpos (ROLNIK, 2007). Intensidades buscando expressão; linguagem criando mundos. A cartógrafa delinea-se com um tipo de sensibilidade, que busca colocar-se à espreita, abrir-se para a vida. Seu critério de avaliação é “o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento”. (ROLNIK, 2007, p. 68). A cada situação se avaliará o quanto se suporta ou não o “desencantamento das máscaras que estão nos constituindo” (ROLNIK, 2007, p. 70), sua perda de sentido, abrindo ou não a possibilidade de novos sentidos. Considerar esse limiar, do quanto se suporta a abertura para novas possibilidades, a cada novo momento. Escolha de novos mundos, que evidencia a prática da cartógrafa como política. Micropolítica, estratégias de produção de subjetividade, potencializadora do desejo como criador de mundos (ROLNIK, 2007).

Alimentam esses percursos algumas marcas provocadas pelo encontro com Jack Kerouac, Suely Rolnik, Félix Guattari, Agnès Varda, clowns, Fernanda Eugénio, João Fiadeiro, ruas, estradas, praias e mais. Atmosferas experimentadas ao colocar-se disponível. Atenção ao que pode acontecer; sem buscar controlar o que acontece. Atmosferas pulsando em situações diversas, nas ruas, o calor do asfalto, o burburinho dos transeuntes, os gritos (dos manifestantes, que vão se tornando vândalos - talvez até terroristas, quem sabe? -, quanto mais desobedientes, rebeldes; dos vendedores ambulantes; dos professores e professoras fugindo das bombas e balas da polícia militar, em 29 de abril de 2015...).

A leitura de Suely Rolnik a propósito da micropolítica potencializa essa reflexão, envolvendo a potência criativa do que nos desestabiliza, tirando dos territórios costumeiros. Em *A hora da micropolítica* (ROLNIK, 2016), a autora aponta duas dentre as diversas experiências simultâneas que fazemos do mundo. Elas resultam em duas capacidades distintas de que a subjetividade dispõe para apreender o mundo. A primeira experiência que fazemos do mundo é a imediata, baseada nas capacidades de percepção e dos sentimentos do eu. Essas capacidades nos ajudam a decifrar as formas do mundo segundo os contornos atuais da cartografia cultural. O modo como sinto algo, vejo, escuto, está profundamente marcado pelo meu repertório de representações. Essa experiência torna possível a vida em sociedade, mas é apenas uma das experiências da subjetividade. Conforme a autora, é a dimensão dessa experiência que chamamos de “sujeito”. Por ser somente essa capacidade a que tende

a ser ativada, nossa tradição ocidental confunde “subjetividade” com “sujeito”. No entanto, a experiência que a subjetividade faz do mundo é mais complexa.

Outro tipo de experiência que a subjetividade faz do mundo é a experiência das forças que “agitam o mundo enquanto corpo vivo e que produzem efeitos em nosso corpo em sua condição de vivente” (ROLNIK, 2016, p. 10). Efeitos que consistem em outra maneira de ver e sentir o que se passa a cada momento. O mundo

[...] “vive” efetivamente em nosso corpo sob o modo de afectos e perceptos e integra sua/nossa composição, impulsionando o processo incessante de recriação de nós mesmos e do entorno. Tais maneiras de ver e de sentir formam uma espécie de germe de mundo que nos habita. Somos então tomados por um estranhamento porque o mundo de que esse germe é portador é, por princípio, irrepresentável; ele é exatamente o que não cabe na cartografia cultural vigente e a coloca em risco de dissolução. (ROLNIK, 2016, p. 11-12).

O tipo de relação que se tem com essa inquietude muda de uma cartografia cultural à outra, de uma época à outra. Essa experiência de inquietude que predomina na subjetividade convoca o desejo a atuar para recobrar um equilíbrio vital, existencial e emocional, afirma a autora. São diversas as perspectivas que orientam esta ação. Dois extremos desse leque variável são o puramente ativo e o puramente reativo. Não existem em estado puro e oscilamos entre várias micropolíticas. O que faz a diferença é nossa disposição em combater as tendências reativas em nós mesmos (ROLNIK, 2016, p. 13). Na micropolítica ativa, a subjetividade consegue se sustentar no mal-estar provocado e o mundo larvário que a habita poderá germinar. Na ação do desejo vai se engendrar essa germinação, em um processo de criação que, orientado pelo poder de avaliação dos afectos (o saber-do-corpo), irá materializá-los “em imagem, palavra, gesto, obra de arte, modos de existência ou outras formas de expressão” (ROLNIK, 2016, p. 14).

Inventando uma forma portadora dessa pulsão, esse mundo larvário torna-se sensível, tendo um poder de contaminação. E quando os corpos afetados pelas mesmas forças o encontram, a subjetividade pode sustentar o estado de desestabilização, possibilitando o desencadeamento do processo de criação movido por seu próprio desejo. O critério ético para avaliar esse processo é a vida, o que pede passagem para que ela continue pulsando.

Em outra perspectiva, na micropolítica reativa, temos uma tentativa de anestesiarmos os afectos e perceptos, na qual se bloqueia a experiência da subjetividade fora do sujeito,

restringindo-a à sua experiência como sujeito. A tensão entre os territórios existenciais vigentes e o estado de estranhamento produzido pela experiência com as forças é vivida como ameaça. Como “o sujeito se estrutura na cartografia cultural que lhe dá sua forma e nela se espelha como se fosse o único mundo possível, a subjetividade reduzida ao sujeito e que com ele se confunde interpreta o desmoronamento de ‘um’ mundo como sinal do fim ‘do’ mundo e dela mesma” (ROLNIK, 2016, p. 17). Vive a causa desse mal-estar como um problema seu ou a projeta no mundo, elegendo um outro para ser projetada: uma pessoa, um povo, uma cor de pele, uma ideologia etc. (ROLNIK, 2016). No primeiro caso, ao projetar sobre si mesmo a causa do mal-estar e do suposto desmoronamento, tomado pela culpa, passará a ver a si como incapaz, inferior etc. Para conseguir um novo equilíbrio, o desejo pode buscar encontrar algo que possibilite um contorno reconhecível da subjetividade, que o livre do sentimento de exclusão. Para a autora, no marco da política de subjetivação dominante, os objetos desse consumo serão produtos ofertados pelo mercado. Consomem-se objetos, medicamentos, visões de mundo; produtos que ajudem a recobrar um contorno e um sentido.

A experiência de desestabilização é primordial para a subjetividade, alertando-nos que a vida chegou a um estado desconhecido, presente no corpo, mas ainda sem palavra, gesto e imagem; um estado que impõe ao desejo uma exigência de pensar-ato para dar-lhe consistência existencial. Momentos em que a imaginação coletiva é acionada para inventar novos modos de existência, novas alianças, sentidos... Potência do desejo.

Em *Micropolítica: cartografias do desejo*, Guattari e Rolnik (1996, p. 45) afirmam o atrevimento de singularizar. Guattari pensa a singularização envolvendo

[...] os processos disruptores no campo da produção do desejo: trata-se dos movimentos de protesto do inconsciente contra a subjetividade capitalística, através da afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção, etc. Guattari chama a atenção para a importância política de tais processos, entre os quais se situariam os movimentos sociais, as minorias – enfim, os desvios de toda espécie.

Para os autores, existe uma tentativa de controle social através da produção de subjetividade e, ao mesmo tempo, outros processos de diferenciação permanente, de resistência. Não se trata apenas de uma resistência contra o processo de serialização, de padronização da subjetividade, mas da tentativa de produção de modos de subjetividade originais e singulares (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

Nessa perspectiva da singularização temos pensado os processos educativos, de ensino, de pesquisa, de formação. Os processos de produção de uma pesquisadora se potencializam articulando ética-estética-politicamente uma lógica das intensidades, traçando linhas de fuga dos modos de vida conformes. Envolve certa atração pelas ruas como espaço de experimentação, efeito do seu encontro com o mundo das palhaças, dos palhaços, as experimentações clownescas³.

Nos processos de construção de um *clown* aprende-se a se reinventar, rindo de si mesma. Na arte clownesca, o corpo é o grande diferenciador. Corpo compreendendo um “feixe de impulsos”, ultrapassando uma forma, desenhada pelo figurino e pela maquiagem. Corpo “preparado para ‘pensar em movimento’, criado na experimentação, exposto, disponível para o jogo” (KASPER, 2009, p. 207). Corpos construídos na produção de outros modos de sentir, agir, pensar. Outras lógicas. Processos atravessados por uma política de relação com a alteridade que implica em uma abertura para o outro. Abertura para deixar-se capturar pela imprevisibilidade da vida, não apenas deixando-se atravessar “pelos imprevistos, mas também produzi-los, operar na imprevisibilidade: arriscar-se” (KASPER, 2009, p. 207).

Tem-se, assim, um processo de subjetivação atravessado pelo jogo, pelo riso trágico, pela liberdade de experimentação. Aprendizagens envolvendo tornar-se outro. Sempre na vizinhança de outrem, pois sem público não existiria palhaço.

Trata-se de modos de agir, de sentir, de uma atitude de escuta do mundo com o corpo todo. São vibrações que extrapolam os limites do corpo orgânico, implicando “o lugar, tudo o que está em volta. São processos de diferenciação pulsando” (KASPER, 2009, p. 211-212).

Essa pesquisa com os palhaços tem produzido ressonâncias e reverberações em outros processos de ensino-aprendizagem que temos experimentado. Como agenciar uma aula com essa abertura, presença e atenção à alteridade? Atitude de escuta. Como produzir esse corpo da professora, da pesquisadora, aberto ao outro, aprendendo por contágio, arriscando, experimentando?

O humor, certa irreverência, a potência política da alegria, que aprendemos com os palhaços, foram se desdobrando, reverberando em espaços outros, em outras pesquisas, aulas, encontros diversos. Potentes na desautomatização das pedagogias dominantes.

Políticas de relação com a alteridade envolvendo corpos abertos, expostos, na aprendizagem de afetar e ser afetado. Provocações. Efêmero. Reinventam-se

3. KASPER, 2004. Tese de doutorado, financiada pela FAPESP, com reverberações sem fim.

procedimentos artísticos que vão contaminando outros lugares, criando pedagogias outras, que acolham o acontecimento. Processos. De ensino, de pesquisa. Como construir um corpo aberto para a alteridade?

Processo de ex-posição. Como aprender a abrir-se para o que acontece? Muitas vezes na conexão com expressões artísticas relacionadas/ocorridas/atuando/inter-vindo no espaço público, especialmente nas ruas. Dos lugares de passagem entre essas proposições e o entorno. Envolvendo a produção de corpos outros. Cartografias. Micropolíticas de modos de vida minoritários. Educações outras.

Exposição e disponibilidade. Uma atitude de atenção, escuta, abertura. Aprender a não predeterminar. Corpo disponível e à espreita da pesquisadora, da professora – um desafio. A construção desse corpo envolve um processo de desautomatização. Desautomatizar as percepções, os gestos, os modos de fazer. Desautomatizar as pedagogias dominantes. Fugir aos automatismos que combatem a criação, a variação. Desfamiliarizar-se. Aprender a habitar o desconforto, a acolher o não saber. Colocar-se disponível para o acaso, o que não se espera, não se quer, não se precisa.

Foco no processo, no que se passa entre.

À DERIVA

“Cara, o saxofonista de ontem à noite tinha AQUILO – e depois que conseguiu, soube manter. Nunca vi ninguém que conseguisse manter durante tanto tempo.” Quis saber o que será “AQUILO”. “Ah, bem” – Dean riu – “você está me perguntando impon-de-rabilidades – hum! Bem, ali está um músico e aqui está a plateia, certo? A função dele é deixar rolar o que estão todos esperando. Ele começa com os primeiros acordes, então delinea suas ideias, o público ‘yeah, yeah’, percebe tudo então ele se ilumina e tem que tocar com energia à altura daquilo que se espera dele. De repente, no meio do refrão, ele consegue aquilo – todo mundo olha e percebe, todos escutam; ele segura e vai em frente. O tempo para. Ele preenche o espaço vazio com a substância de nossas vidas; são confissões vindas do âmagô de seu umbigo, lembranças de ideias, reinterpretação de velhos sopros. Ele tem que tocar cruzando todas as pontes, ida e volta, e tem que fazê-lo com infinito sentimento, explorando as profundezas da ala, porque o que conta não é a melodia daquele momento, que todos conhecem, mas AQUILO” – Dean já não podia prosseguir; suave a cântaros depois de ter me contado tudo isso.

Jack Kerouac

Intensamente.

Entre tantas paisagens e territórios subjetivos. Espaços de experimentação. Diferentes modos de lermos e experimentarmos o mundo. Grafias no corpo de modos de lidar com educações. Contágio, contaminação. Aprender por contágio: devir outro na vizinhança de outrem.

Nesses processos de produção de subjetividade, nesses processos formativos, o que vale? Vale o que afirma a vida. Com Espinosa, pensamos: o que nos afeta de alegria aumenta nossa potência de agir. Trata-se de multiplicar os afetos que envolvem uma maior afirmação, de afetar-se de alegria, de possibilitar tais encontros (KASPER, 2004, p. 29-30). Uma ético-política da singularização.

Vida e construção acontecem nos agenciamentos dos encontros, nem sempre movidos por nossa vontade, mas onde o motor é o desejo. E então a alegria é a prova dos nove.

Um encontro alegre com Agnès Varda. Mais uma atmosfera. No documentário *As praias de Agnès*, diz-se que, se abrissemos as pessoas, encontraríamos paisagens. Se abrissemos Agnès, encontraríamos praias. Ao longo do filme somos tomadas, com Agnès, pelo modo como os outros nos interpelam, nos desconcertam. A echarpe grená, circulando seu pescoço, ao mesmo tempo em que tenta escapar, fugir, flutua ao vento. O vento despenteia, dá movimento. Echarpe branca, com bolas pretas ou preta com bolas brancas. A leveza dessas echarpes ao vento, comondo. Areia, água, barcos, trapézios e trapezistas. Redes. De proteção, de pescar, de deitar. Fabulando. Gatos, gaivotas, móbile. Humor. Jacques Demy - seus cabelos, sua pele... Proximidade. Afetação. Moinho de vento. Leveza. Luz que tudo atravessa.

CONTAGIAR. CATAR

*A nevasca mal começou
todo esse pão espalhado
É só um pássaro
Jack Kerouac*

Outro encontro com Agnès Varda: o documentário *Os catadores e eu*. Percursos, narrativas. Pessoas que se alimentam, vivem e criam com as sobras de uma cidade moldada pela lógica do consumo, do capital. Um universo de catadores que ressignificam sobras. Usos e possibilidades no descarte.

Catar, como verbo, anúncio de aliados.

Paisagem horizontal. Estrada. Nos percursos, em viagens, os encontros. Botas de catar. Ato ético-político. Não há posse definida no resto. Espírito de outros tempos, das máquinas ineficientes. Curvar-se. Restos a apanhar. Restos de uma sociedade saciada. Vasculhar. Sobras se desenham em caminhos, percursos. Humilde gesto. Catar. Mãos e manchas de uma velhice amiga. Efeito estroboscópico.

Com Agnès, a reverberação das (in)utilidades. Experimentação que cria paisagem comum.

Compondo a paisagem, nós nos encontramos com outros aliados. Fernanda Eugénio e João Fiadeiro, no texto “O encontro é uma ferida” convocam a acolher o que emerge das andanças. O encontro afeta, contamina. Lugar do ineditismo implicado nas emergências. Abertura de mundos possíveis. O encontro é uma ferida, que deve permanecer aberta (EUGÉNIO; FIADEIRO, 2012). Porosidade.

A decifração desesperada do encontro o encerra em si próprio, atribuindo-lhe um significado. Quando aproximado da nossa vivência, daquilo que já conhecemos, anulamos sua potência criativa e nada nos acontece. Uma “existência inabalável que pretende saber por antecipação, [...] nenhum susto ou risco, tudo explicado, tudo previsto” (EUGÉNIO; FIADEIRO, 2012, p. 3). Ao se relacionar com os encontros pela lógica da significação reduzimos sua aparição acidental ao racional, desarticulando suas possibilidades de transformação. De-formação.

Desdobramentos ecoam por tempos indefinidos, “encontrando tempo dentro do próprio tempo das coisas” (EUGÉNIO; FIADEIRO, 2012, p. 4), se abrem em composições, agenciamentos. Partir, perder-se, desapegar do território conhecido da leitura racional e esquemática do mundo. Oportunidade de reformular perguntas (EUGÉNIO; FIADEIRO, 2012).

O encontro, assim como os cacós, tem algo de precário. Acolhido, o acontecimento produz efeitos outros, que não aqueles da urgência, da certeza. É o colocar-se em risco, abertura. Atravessar. Um comparecer recíproco, reencontrando “uma multiplicidade de vias contingentes para abrir uma brecha. Uma brecha para a re-existência.” (EUGÉNIO; FIADEIRO, 2012, p.3).

O encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos de viver juntos, ao mesmo tempo que subtrai passado e futuro com a sua emergência disruptiva. (EUGÉNIO; FIADEIRO, 2012, p. 1).

Ferida. Abertura, contaminação. Incômodo, lugar outro do costumeiro. Catar. Mundo em ferida, às vezes em carne viva.

Aprender a suspender os sentidos, a descrição racional e diagnóstica do que se passa. Manter-se aberta, porosa. Aprendizados. Ferida e fluxos. Cicatriz. O encontro, como uma ferida, produz marcas que compõem trajetos de formação.

Andamos pelas ruas, encontrando cacos, inutilidades, pedaços de objetos descartados, inutensílios.

Experimentações, uma cidade e o que se apresenta fora, nas calçadas, inservíveis objetos, pedaços, cacos que presenciados como encontro abrem-se em possibilidades, potência onde antes não se via nada. Olhar para o inútil, como proposição de trajeto e escrita, como terreno fértil para um exercício do pensamento. Nesse espaço entre o útil e o inútil pulsa a experiência criativa, um movimento de aproximação e distanciamento que produz efeitos outros, escapante, na cidade e suas (in)utilidades.

A utilidade nos assombra. Ela tem sido fonte energética para os modos de produção de subjetividade. Organiza a vida humana no *status* do capital, no sentido mais prático e cruel que este possa imprimir. O útil impregnado à vida. No trabalho, nas relações sociais, a utilidade dos desejos, dos afetos, da energia e tempo depreendido para algo. A utilidade como fonte de modelização é também produtora de angústia, da sensação de não pertencer.

Assim, a subjetividade capitalística se esforça por gerar o mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo que é da ordem da angústia, da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos... é a partir dos dados existenciais mais pessoais – deveríamos dizer mesmo infrapessoais – que o CMI⁴ constitui seus agregados subjetivos maciços [...]. (GUATTARI, 2001, p. 34).

Os mecanismos de produção de subjetividade atuam e moldam o cotidiano, reproduzimos papéis sociais, nos relacionamos com o ambiente como mero cenário, e, no entanto, há algo em nós que apela à inutilidade, ao caótico, ao devaneio, ao perambular, ao ócio.

4. A sigla CMI refere-se a Capitalismo Mundial Integrado. Félix Guattari cria esta denominação para representar o capitalismo pós-industrial, atentando para o fato de que não somente os países capitalistas sofrem com as imposições do mesmo, por isso os termos *mundial* e *integrado*.

ANDARILHAS

Meus sapatos, que perfeito idiota eu sou, eram umas alpergatas mexicanas de corda trançada, absolutamente impróprias para a cruel noite chuvosa da América, para a noite voraz da estrada.

Jack Kerouac

Uma cidade, bairros e ruas que cruzo no caminhar cotidiano, idas e vindas de lugares determinados, ações previstas, horas e funções sabidas de antemão. Todos os caminhos levam a algum lugar. Nesse sentido, estamos no trajeto de forma a não esbarrar em nada que nos desoriente, nos tire do eixo, do traçado. Linha dura, inequilibrável.

Existir num contexto de produção de subjetividade capitalística, no entretenimento constante da existência fundada na labuta, no trabalho de constituir algo que lhe é dado algum valor produtivo, pouco significado. Semiótica da finalidade. Redundância de imagens e comportamentos.

Os modos de viver na cidade estão em questão. Não apenas as degradações ambientais nos fazem companhia constante, mas também a degradação da vida humana, das relações com o ambiente, com a alteridade, presas numa trama encorpada dos dispositivos de produção de subjetividade. “Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento!” (GUATTARI, 2001, p. 55).

Com Guattari, o estranho ganha potência, emana outros sons para pensar a cidade, pelos universos de possibilidades que dela emergem. Outras práticas. A atenção aos restos, ao inútil, convoca à composição de outras formas de relação com o outro, com o que habita as bordas, tudo aquilo não valorado pela lógica do capital. “Convém fazer com que a singularidade, a exceção, a raridade funcionem [...]” (GUATTARI, 2001, p. 35). Interessa o que escapa aos moldes, o que transborda.

Em trajeto, os processos de formação. Os encontros com esse estranho, estrangeiro, ativam afetos. Dispostas, nós nos abrimos para os efeitos dos cacos na sarjeta. Um convite a pensar em reinvenções, como movimento de conexões outras, que escapam à reconhecimento. Contatos sensíveis.

Numa via oblíqua, encruzilhada. A cidade fere, atropela. Chegada de onda brava derruba, revolve. A cidade desafia. Pulsa. Interroga. Uma súplica sussurrante que à luz do dia se transforma. Movimento. Vias e possibilidades interessam. O

passo necessita de outra cadência, novas cadências no trajeto. Outros também os trajetos, compondo por mesmas linhas rupturas, linhas de fuga. Universos de sentidos surgem naquilo de que nada se esperava. Uma cidade de deslizos, tropeços e máquinas mancas.

Partir. Abandonar o porto. Deixar essa cidade cotidiana, na espera de uma outra, a cidade em devir. Viscosidade.

O lodo, areia movediça, diminui a velocidade do corpo, do pensar. O lodo chama a ficar e grita o abandono. Areia tomando o corpo, areia quente, o fora pede um esforço monumental. O corpo pede o ar, movimentam-se as pernas, como um grão fugitivo. Braços tomam forma de nadadeiras e o tronco se remexe em contração, feito andar de cobra. Partir não tem porto, chapéu de palha. Tem força e movimento. De fuga.

A busca coloca-se como exercício descontínuo. Encontro com cacos, aquilo que está fora, na calçada, na sarjeta. Aquilo que foi algum dia algo inteiro e que se apresenta em parte, quebrado, sujo, inútil. Perecível. Inutensílios.

Catar. Verbo. O que escapa à lida cotidiana, as sensibilidades que estão na sarjeta e que ressignificam quem cata e o que é catado, organiza-se em dupla-captura. Catar, juntar cacos, indagações acerca do corpo, o gesto de quem cata. Sentidos incorporados no caco e na catadora.

Trata-se de um outro modo de estar na cidade que produz efeitos. Corpo que se refaz na malha quadriculada de moradias, ruas e calçadas. Eu-Via. Perambulações não intencionais, roubo de inutilidades, esse o gesto. Delírios ambulatórios.

No caminho encontramos uma porta, na sarjeta. Que já não é mais? Como porta, em sua pragmática, serve para abrir e fechar; para separar espaços, abafar sonoridades. É o estar dentro e que provoca o fora. Porta como convite. Porta como máquina de escolhas.

Entre; espaço que ocupa a ripa de madeira ao abrir e fechar. Não estar dentro, nem fora.

A porta e o *entre* convocam a pensar seus efeitos. Um certo desconforto diante do desejo de não se ter apenas as opções dentro e fora. Experimentado, o entre provoca outras associações significantes sobre a vida na cidade, as relações humanas que a povoam e a re-existência, por uma lógica das intensidades.

O espaço entre, movimento descompassado do pensamento, incita ao deslocamento do costumeiro e provoca outras conexões com a paisagem urbana, que colocam em outros lugares também as questões intrínsecas à subjetividade. Como

forjar outros modos de viver na cidade? O *entre* como um convite, espaço em devir. Catar provoca desterritorializações.

Uma nova suavidade. As contaminações dos encontros reverberam. O ato de catar provoca desterritorializações, contexto de rupturas. No movimento de ressingularizar, efeitos individuais e coletivos abrem-se em possibilidades. Micropolítica. Um olhar para a alteridade, manchado pelas (in)utilidades, pode provocar agenciamentos que forjarão outras relações humanas?

Agenciamentos proporcionando “novas práticas micropolíticas e microssociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente” (GUATTARI, 2001, p. 35) fazem funcionar práticas efetivas de experimentação em níveis microssociais (GUATTARI, 2001).

Aqui reside uma proposição. Perambular. Trajetos. Um exercício do pensamento. Quase um deslize, porém sóbrio, pela cidade que habitamos e pelos desertos que irão povoá-la. Caminhar com as feridas abertas, alargando o possível. Brechas da cidade reverberam nos trajetos de-formativos. Colocam-se como possibilidades criativas, afetadas e marcadas por encontros.

REFERÊNCIAS

- EUGÊNIO, Fernanda; FIADEIRO, João. *O encontro é uma ferida*. Excerto da conferência-performance Secalharidade. 2012.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 11. ed. Tradução de Maria Cristina Bittencourt. Campinas: Papirus, 2001.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- KASPER, Kátia Maria. 2004. 421f. *Experimentações Clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida*. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- _____. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? *Pro-posições*. Campinas, v. 20, n. 3(60), p. 199-213, set/dez. 2009.
- _____. Perambulações entre travessias e devires em cartografias de-formativas. In: VICENTINI, Paula Perin, CUNHA, Jorge Luiz da, CARDOSO, Lilian Auxiliadora Maciel (Org.) *Experiências formativas e práticas de iniciação à docência*. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 295-314.
- KEROUAC, Jack. *On the road* (Pé na Estrada). Tradução de Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- _____. *Livro de haicais*. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: L&PM, 2013.

Errâncias: cartografias em trajetos de-formativos

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina: Ed. UFRGS, 2007.

_____. *A hora da micropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DOCUMENTÁRIOS

VARDA, Agnès. *As Praias de Agnès (Les Plages d'Agnès)*. França, 2008. 1 documentário (110 min.), cor, son.

_____. *Os Catadores e Eu (Les Glaneurs et la Glaneuse)*. França, 2000. 1 documentário (82 min.), cor, son.

SOBRE AS AUTORAS

Kátia Maria Kasper é graduada em Pedagogia (Universidade Estadual de Campinas), tem Mestrado em Educação (Universidade Estadual de Campinas) e Doutorado em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É professora/pesquisadora da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Educação, com ênfase nos estudos que privilegiam os processos de diferenciação e singularização. Pesquisa nos seguintes temas: relações entre corpo e pensamento; educação e diferença; corpo, arte e políticas de subjetivação; clown; ecosofia; processos criativos.

E-mail: katiakasper@uol.com.br.

Gabriela de Sousa Tóffoli é graduada em Pedagogia (Universidade Federal do Paraná), é mestranda no Programa de Educação em Ciências e em Matemática (Universidade Federal do Paraná). É professora/pesquisadora da Rede Municipal de Ensino de Araucária. Tem experiência na área de educação, com pesquisa nos seguintes temas: Educação e Filosofia da Diferença.

E-mail: gabrielatoffoli@gmail.com.

Recebido em 15 de setembro de 2017 e aprovado em 19 de janeiro de 2018.